

Cultura, História e Sociedade Global



**Denise Pereira
(Organizadora)**

Cultura, História e Sociedade Global



**Denise Pereira
(Organizadora)**

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editores: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C968	Cultura, história e sociedade global [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-027-8 DOI 10.22533/at.ed.278202804 1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Pereira, Denise. CDD 353.70981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Fala-se muito de cultura, mas nem todos sabem exatamente do que estão falando. Uma definição exata e definitiva seria muito difícil de obter, pois depende de alguns fatores, como: a visão sociológica, antropológica, filosófica, além do sentido que se quer da à cultura. É importante conhecer as definições de cultura, pois é através de nossa cultura que conhecemos nosso passado.

Conhecer e entender esse passado dará a significação e a afirmação de nossa identidade cultural, da nossa história. Por meio da compreensão de cultura teremos um caminho para conhecer, assimilar e analisar nossa história, e principalmente dentro de uma sociedade global.

Ao mesmo tempo devemos compreender, que por meio de uma nova sociedade, ou seja, uma sociedade globalizada ampliaram-se as facilidades de comunicação e, conseqüentemente, a transmissão dos valores culturais, transformações das configurações da economia, da política, da educação, principalmente dos percursos da história.

Este e-book vem conduzir a discussão dentro desta perspectiva: Cultura, História e Sociedade Global.

Espero que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CULTURA POPULAR: CONCEPÇÕES HISTORIOGRÁFICAS	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2782028041	
CAPÍTULO 2	11
ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: O REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM <i>HAUTE SURVEILLANCE</i> , DE JEAN GENET	
Nilda Aparecida Barbosa Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.2782028042	
CAPÍTULO 3	29
ANÁLISE DO POTENCIAL DA LEI DA TV PAGA PARA DESCENTRALIZAÇÃO DOS RECURSOS DISPONÍVEIS NO SETOR AUDIOVISUAL BRASILEIRO	
Roberta Filizola Custodio Barroso Samantha Claret Capdeville	
DOI 10.22533/at.ed.2782028043	
CAPÍTULO 4	37
BALIZAMENTO BUROCRÁTICO PARA ASSINATURA DE ACORDOS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL VISANDO OTIMIZAR A GESTÃO PÚBLICA UNIVERSITÁRIA	
Alexandre B. Colle Luciane Stallivieri Gabriela Guichard de Lima Beck	
DOI 10.22533/at.ed.2782028044	
CAPÍTULO 5	57
ANÁLISE DOS METAPLASMOS PRESENTE NA ORALIDADE DE IDOSOS EM UMA COMUNIDADE NO INTERIOR DE ABAETETUBA	
Paulo Ronaldo Nogueira Rodrigues José Eduardo Pastana Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2782028045	
SOBRE A ORGANIZADORA	64
ÍNDICE REMISSIVO	65

CAPÍTULO 1

CULTURA POPULAR: CONCEPÇÕES HISTORIOGRÁFICAS

Data de aceite: 20/04/2020

Denise Pereira

Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

RESUMO: Cultura popular é um dos conceitos mais controverso para os pesquisadores. Existe, sem dúvida, desde o final do século XVIII; foi utilizado com objetivos e em contextos muito variados, quase sempre envolvidos com juízos de valor, idealizações, homogeneizações e disputas teóricas e políticas. Para muitos, está (ou sempre esteve) em crise, tanto em termos de seus limites para expressar uma dada realidade cultural, como em termos práticos, pelo chamado avanço da globalização, responsabilizada, em geral, pela internacionalização e homogeneização das culturas. Neste sentido o texto, vem analisada a partir da concepção dos folcloristas, colocando em cena os termos tradição e transformação, considerados antagônicos por ambas as tendências e envolvidos pela questão nacional, amplamente discutida pela História durante

todo o século XX.

PALAVRAS-CHAVE: cultura popular; tradição e transformação.

Na História a investigação do objeto cultura possui um longo percurso, ao trabalharmos conceitos é preciso primeiramente saber que estamos diante de um objeto cujas interpretações são polissêmicas e é possível analisá-lo sob diversas abordagens e questionamentos, sendo necessário, portanto, uma revisão teórica que busque compreendê-lo. Desse modo, levantando uma discussão de caráter exploratório e longe de ser definitivo, ainda que pautemos as ideias em autores consagrados, temos a clareza de que o tema não se exaure, mas tal como a abordagem servirá para balizar nossa pesquisa.

O conceito de cultura, nas últimas décadas do século XX, ganhou certa amplitude, como explica Burke,

[...] o termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música [...] hoje, contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros [pesquisadores] usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. ¹

1 BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 25

O conceito de cultura no final do século XX e, principalmente, no século XXI, deixou de ser pensado apenas como arte, literatura e música e passou a ser identificado como “*a história das ações e noções subjacentes à vida cotidiana de uma dada sociedade*”.²

Converge para uma visualização desse conceito, de maneira ampla, uma totalidade complexa que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes, além de outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Uma noção holística, mas também processual voltada para a mudança cultural e suas formas de ocorrências.

Para o autor, o que antes era considerado senso comum e normal, passou a ser visto pelos pesquisadores contemporâneos como “*algo que varia de sociedade a sociedade e muda de um século a outro, e que enfim, é ‘construído’ socialmente*”³.

O problema desse raciocínio de Burke na opinião de Canclini, é que a abrangência do conceito proporciona dois inconvenientes: primeiro que apesar de ter produzido uma equivalência entre as culturas, ela não conseguiu dar conta das desigualdades entre elas, ou ainda de como as diferenças se transformaram em desigualdade. E, em segundo, na medida em que pensam todos os fazeres humanos como cultura, ela não dá conta da hierarquização desses fazeres e o peso distintivo que possuem dentro de uma determinada formação social.

Canclini propõe então restringir o uso do termo cultura para:

Produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido⁴.

Ainda fazendo a crítica da amplitude do conceito de cultura de Burke, Canclini se opõe as conceituações de inclinação idealista, que a vê apenas como ligada ao campo das crenças, dos valores das ideias. Canclini afirma que sua proposição de conceituação de cultura não se encaminha no sentido de identificar o cultural com o ideal, nem o de material com social, nem sequer imagina a possibilidade de analisar esses níveis de maneira separada. Pelo contrário, pois

Os processos ideais (de representação e reelaboração simbólica) remetem a estruturas mentais, a operações de reprodução ou transformação social, a práticas e instituições que, por mais que se ocupem da cultura, implicam uma certa materialidade⁵.

O autor Peter Burke ao analisar a amplitude do conceito cultura, elabora um

2 Id.

3 Ibid., p. 21.

4 CANCLINI, Nestor Garcia. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 28

5 Ibid., p. 29.

percurso sobre a cultura. Coloca que a partir do século XVIII, o deslocamento no conceito de cultura, o termo vai se ligar a outro, a saber: o vocábulo civilização. Essa ligação se estabelecerá positiva ou negativamente conforme a linha de pensamento.

Dessa ligação entre a cultura e a civilização, Ortiz analisa que a noção de cultura popular é “*fruto recente da história*”, pois emergiu no final do século XVIII, visto que até meados do século anterior a fronteira entre cultura popular e cultura de elite não estava bem delimitada, porque a nobreza participava das crenças religiosas, das superstições e dos jogos realizados pelas camadas subalternas. É claro que o mesmo não se pode dizer com relação ao povo no universo das elites ⁶.

Visto que o século XVIII teria sido a “*descoberta*” da cultura popular pelos intelectuais europeus justamente quando começava a desaparecer, pois, nesse contexto se insere a nostalgia do primitivo, da natureza, da simplicidade, teria confluído em uma espécie de entusiasmo com tudo o que vinha do “povo” (associado diretamente ao camponês): o “popular” caía no gosto “erudito”, sobrepondo-se à curiosidade a certa temeridade e restrição, presentes até então.

Fundamentalmente essas descobertas da cultura popular aconteceram a partir do que se chamou “retirada das classes superiores” do cenário cultural

Em 1500, a cultura popular era uma cultura de todos: uma segunda cultura para os instruídos e a única cultura para todos os outros. Em 1800, porém, na maior parte da Europa, o clero, a nobreza, os comerciantes, os profissionais liberais – e suas mulheres – haviam abandonado a cultura popular às classes baixas, das quais agora estavam mais do que nunca separados por profundas diferenças de concepção de mundo⁷.

Segundo essa abordagem da história da cultura popular europeia de Burke, o povo tornou-se cada vez mais um “outro”, distante, misterioso e, acima de tudo, diferente; o povo era natural, simples, analfabeto, instintivo, irracional, enraizado na tradição e no solo da região, sem nenhum sentido de individualidade, o indivíduo se dispersava na comunidade⁸.

Se antes, no passado, o povo era ameaçador e grotesco, a partir do século XX torna-se interessante, exótico; é a cidade que passa a constituir-se no objeto de temor, o verdadeiro perigo de corrupção das hierarquias e da ordem e, desse ponto de vista, o entusiasmo pelo “popular” estaria associado ao desejo de retorno a uma “pureza original dos campos”, em oposição ao mundo “artificial” e mutante trazido pela modernidade.

Para Certeau, a cultura popular, considerada reduto da tradição, era tida como algo “imutável”, e precisava ser “preservada” dos avanços predatórios da modernidade e do contágio com a cidade. Idealizados, o povo e sua cultura deviam

6 ORTIZ, Renato. **Cultura popular**: românticos e folcloristas. São Paulo: Olho d’Água, 1992, p. 21

7 Id.

8 Ibid., p. 37.

ser resguardados visando manter sua “pureza original”, sua “simplicidade”, sua “inocência”: a cultura popular define-se, desse modo como “patrimônio”.⁹

Esse teria sido o intuito dos primeiros folcloristas, cujos trabalhos se, por um lado, tornaram visível a questão do “popular” coletando, editando, descrevendo e tornando possíveis os estudos subsequentes, por outro, foram guiados por interesses políticos específicos de uma cultura dominante, no contexto da formação dos estados nacionais na Europa, em que se intentava abarcar todos os níveis da população, visando à construção de uma identidade unificadora.

[...] o cuidado folclorista, no entanto, não está isento de segundas intenções: ele deseja localizar, prender, proteger. Seu interesse é como que o inverso de uma censura: uma integração racionalizada.¹⁰

Naquele contexto, da Europa no século XVIII, consolidou-se uma concepção de cultura popular assentada na idéia de tradição, tida como em vias de extinção em função da urbanização decorrente da expropriação do homem no campo e que por isso precisava ser rapidamente “coletada” e “preservada” sobre uma “herança passadista”, idealizada como uma cultura original, autônoma, intocada, inalterável, homogênea e contínua.

Ortiz vê o surgimento da noção de cultura popular como “*uma criação de intelectuais que, com intenções variadas, voltam-se para a compreensão das tradições*”, e afirma: “*a idéia de ‘cultura popular’ foi inventada, sendo progressivamente lapidada pelos diferentes grupos intelectuais*”.¹¹

Nesse sentido, a “descoberta” e os posteriores estudos dos folcloristas sobre a cultura popular estiveram, profunda e diretamente ligados às formas como as elites “cultas” analisavam e se relacionavam com o povo e o popular, cujas concepções e recortes variavam de acordo com determinados interesses em cada contexto histórico.

A partir da reflexão sobre a emergência da ideia de cultura popular no final do século XVIII é possível identificar, nos contextos sociais, culturais, econômicos e políticos daquele período, diversos aspectos que contribuíram para sua construção e difusão como categoria de pensamento sobre a cultura e o povo, atendendo a interesses específicos daqueles que primeiramente a encararam como questão.

Produzido como uma categoria erudita destinada a circunscrever e descrever produções e condutas situadas fora da cultura erudita, o conceito de cultura popular tem trazido, nas suas múltiplas e contraditórias acepções, as relações mantidas pelos intelectuais ocidentais [...] com uma alteridade cultural ainda mais difícil de ser pensada que a dos mundos “exóticos”¹².

9 CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 1995, p. 62.

10 Ibid., p. 63

11 ORTIZ, Renato. **Cultura Popular**. Op. cit., 61

12 CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**,

A concepção de “povo” e, conseqüentemente, de “popular” não cessa de variar de acordo com quem as aborda, com o lugar de onde se fala e com os recortes temáticos e metodológicos pelos quais se opta. Longe de ser uma “evidência” ou um bloco homogêneo, monolítico e integrado, passível de uma definição universal, o povo é algo impalpável e indeterminado, que vem sendo perseguido pelas ciências humanas desde sua descoberta/invenção, e tem se constituído em objeto de investigações teóricas diversas, muitas vezes conflitantes e em disputa.

Se pensarmos que a elaboração de um discurso científico sobre o popular é um problema recente no pensamento moderno, tornam-se mais claras as dificuldades enfrentadas pelas ciências humanas com esta questão.

A composição do povo se apresenta variada entre camponeses puros e primitivos a multidões turbulentas e revoltosas, entre comunidades tradicionais e massas consumidoras; constitui-se de grupos autônomos e autênticos a espectadores passivamente manipulados, de focos de resistência a grupos oprimidos e subordinados, de conservadores a revolucionários; o popular tem sido associado ao folclore, à tradição, ao senso comum, ao nacional e ao massivo.

São inúmeras as facetas que o “povo” e o “popular” têm assumido desde os românticos e os folcloristas, implicando na multiplicidade e heterogeneidade de significados e eventos englobados pelo conceito de cultura popular.

Todavia, é importante frisarmos que, algumas linhas mais empiristas, principalmente, na antropologia, buscaram romper com a idealização romântica por meio do contato direto com a realidade, do exame minucioso dos objetos e dos costumes, voltando-se especialmente à especificidade e ao valor de “grupos oprimidos”, até então desconsiderados.

No intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, algumas dessas interpretações, em parte conhecidas como relativismo cultural, acabam por conceber a cultura popular como um sistema simbólico auto-suficiente, coerente e autônomo, *“que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada”*¹³.

Em relação às diversidades de interpretações, temos algumas abordagens derivadas do pensamento de Marx sobre a sociedade capitalista, que o “povo” passou a ser visto sob a perspectiva da “luta de classes”, da “dominação” e da “subordinação”. A palavra “povo” associou-se à ideia de proletariado, de classes trabalhadoras, subalternas, em contraposição à burguesia, às elites, às classes dominantes, ainda que Marx, em seus escritos clássicos, não tenha se detido sobre a questão da cultura propriamente dita e tenha praticamente ignorado a temática da cultura popular.

v. 8, n. 16, pp. 179-192, 1995, p.179.

13 Id.

Em contrapartida, dois autores de raiz marxista, Natalie Davis e E. P. Thompson, inovando e opondo-se à visão tradicional, ressaltam a impossibilidade de se entender o que é classe, a não ser a partir da percepção de sua formação social e cultural. Os autores enfatizam o papel decisivo da cultura como forma motivadora da transformação histórica.¹⁴

Tais reflexões trazem à tona a necessidade de analisar as diferenças e desigualdades culturais presentes nas sociedades hierarquizadas, apontando para uma dimensão essencialmente política das culturas e, ainda mais, das culturas populares em contextos urbanos. Ainda que minoritários frente às análises que pensam as culturas sob uma perspectiva dicotomizada, estudos sobre as culturas populares já a algum tempo vêm questionando as abordagens “clássicas” sobre o tema, partindo da observação e análise das práticas populares nos contextos urbanos, sem se deter unicamente no empírico, mas procurando articulá-lo na produção de interpretações sobre tais realidades e suas transformações recentes.

Arantes, autor que atribui à cultura popular o conceito de saber, como também a função de resistência a dominação de classes, ao abordar as culturas populares pelo viés de sua produção social, compreendida como processo dinâmico e permeada continuamente por transformações, traz à tona o problema das relações entre as culturas e, mais especificamente, das diferenças de condições materiais de existência no interior de uma mesma sociedade, bem como de acesso aos meios e recursos necessários à expressão cultural¹⁵. Enfatiza, enfim, a diversidade de padrões culturais e a desigualdade nas trocas que constituem as culturas no mundo contemporâneo, bem como os conflitos interculturais decorrentes dessas diferenças e desigualdades.

Chartier propõe uma abordagem da cultura popular que dê mais atenção às relações que se estabelecem entre as culturas, postulando que, para além das exclusões e das clivagens, existem “disputas”, “negociações” e “intercâmbios” que devem ser considerados e que a força com que os modelos culturais impõem sentido não anula o espaço próprio de sua “recepção”. Assim afirma:

É preciso, ao contrário, postular que existe um espaço entre a norma e o vivido, entre a injunção e a prática, entre o sentido visado e o sentido produzido, um espaço onde podem insinuar-se reformulações e deturpações. Nem a cultura de massa do nosso tempo, nem a cultura imposta pelos antigos poderes foram capazes de reduzir às identidades singulares ou às práticas enraizadas que lhes resistiam. O que mudou, evidentemente, foi à maneira pela qual essas identidades puderam se enunciar e se afirmar, fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-las.¹⁶

O autor ao focar os contextos urbanos, considera fundamental, como

14 DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 63-66.

15 ARANTES, Antônio. **O que é cultura popular?**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 42.

16 CHARTIER, Roger. *Cultura Popular ...*, Op. cit., pp.181-182.

Arantes, compreender as “transformações” que atravessam as culturas populares. Como contraponto às abordagens mais estáticas e homogeneizantes acerca das culturas populares, Chartier propõe que ao se centre na “recepção”, nos “usos” e “apropriações” que os grupos e indivíduos fazem de certos objetos, elementos, ou modelos culturais.

Sob essa perspectiva, o “popular” não seria algo identificável a partir da distribuição desses objetos, ou em conjuntos de elementos a coletar e descrever, mas, sim, “no modo de utilizar estes elementos, objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras”¹⁷.

Para o autor, analisar as culturas populares a partir da ideia de “apropriação” não significa um retorno à perspectiva do relativismo cultural, a interpretações que considerem a pluralidade de práticas culturais como algo neutro, de forma a ignorar as diferenças e desigualdades: ao contrário, tais práticas devem ser compreendidas como sendo “objeto de lutas sociais onde estão em jogo suas classificações, suas hierarquizações, sua consagração (ou, ao contrário, sua desqualificação)”¹⁸.

A distinção entre “estratégias” e “táticas”, estabelecida por Certeau¹⁹, é apontada por Chartier como uma chave para se pensar essa tensão inerente às práticas culturais. Assim, como o próprio autor indica e a leitura de seu texto não corrobora, sua abordagem aproxima-se muito da desenvolvida por Certeau em seus estudos sobre as práticas cotidianas.

Para além do estudo das representações e comportamentos sociais, ou dos sistemas e disciplinas, a reflexão de Certeau volta-se justamente para os “usos” que deles são feitos, mais precisamente “as operações dos usuários, supostamente entregues à passividade e à disciplina”²⁰. O autor abordará esses “usos” como produção, fabricação, “maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante”²¹.

Partindo do pressuposto de que essa fabricação é uma “criação” que se dá disseminada nas malhas de uma ordem, às escondidas, simultaneamente astuciosa e silenciosa, dispersa e ubíqua e, acima de tudo, quase-invisível, “são tanto menos visíveis quanto as redes do enquadramento se fazem mais apertadas, ágeis e totalitárias”²², ele irá procurá-la nas relações, nas manipulações, nas operações, nos detalhes presentes nas “maneiras de fazer”.

É a partir dessa relação de dispersão, silêncio, invisibilidade das práticas cotidianas (usos) dos “sem poder” com a ordem e com os poderes dominantes,

17 Ibid., p. 184

18 Ibid., p. 185

19 CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, passim.

20 Ibid., p. 37.

21 Ibid., p. 39.

22 Id.

que Certeau irá falar em “*estratégias*” e “*táticas*”: a “*estratégia*” organiza-se pelo postulado de um poder, de um “*lugar próprio*”, associa-se à razão, à ordem e a seus respectivos discursos totalizantes; já à “*tática*”, caracterizada pelas ausências de poder e de lugar, bem como pela mobilidade decorrente de tais ausências, não lhe é possível ser global ou total.

Ao afirmar que a síntese intelectual da “*tática*” tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião, Certeau nos prepara para a proposição que norteará toda a sua análise acerca das práticas cotidianas: que elas seriam, em grande parte “*tática*”, por estruturarem-se sobre outras lógicas que não aquelas articuladas sobre a razão, e introduzirem deslocamentos sobre a ordem imposta.

Nesse sentido, *táticas* e *estratégias*, práticas cotidianas e imposições da ordem dominante, culturas populares e culturas hegemônicas não são dissociadas; não dá para compreendê-las separada ou isoladamente

As formas populares das práticas nunca se desenvolvem num universo separado e específico; sua diferença é sempre constituída através das mediações e das dependências que as unem aos modelos e às normas dominantes. [...] o objeto fundamental de uma história ou de uma sociologia cultural compreendida como uma história da construção da significação reside na tensão que articula as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades com os constrangimentos, as normas e convenções que limitam – mais ou menos poderosamente segundo sua posição nas relações de dominação – o que lhes é lícito pensar, enunciar, fazer.²³

Arantes avança na reflexão sobre os limites dessa imposição de uma homogeneidade ilusória e defende, aproximando-se da concepção de Certeau sobre as *táticas*, a persistência e a reprodução contínua das diferenças que realmente existem nas sociedades hierarquizadas, pautando sua abordagem pela perspectiva da existência de diferentes formas de “*recepção*”, “*apropriação*”, “*reinterpretação*”, “*recriação*”.

Tais formas diferenciadas se disseminam sob uma aparente homogeneidade, revelando divergências existentes entre sistemas simbólicos diversos.

Se a sociedade de classes, inerentemente diferenciada, produz mecanismos “homogeneizadores” que permitem criar para si mesma uma ‘ilusão’ de unidade (que é a condição de sua permanência), ela possui, em suas raízes, uma heterogeneidade real que é resistente a esses mecanismos.²⁴

Nessa perspectiva Arantes nos convida, aproximando-se ainda mais da abordagem de Certeau, a pensar sobre as culturas populares, a partir dos feitos dados a nossa observação atentando para o fazer a elas inerente. Por meio desse fazer, a elas inerente é que se torna possível compreender os constrangimentos, as

23 CHARTIER, Roger. *Cultura Popular ...*, Op. cit., pp.189-190

24 ARANTES, Antônio. Op. cit., p. 45.

distinções, as negociações, as interpenetrações, as disputas, as invenções.

As relações presentes nos processos de produção das culturas, necessariamente dinâmicos e múltiplos, tal qual Arantes explica,

[...] nosso trabalho propõe que se projete o foco de atenção sobre o que as culturas efetivamente são, ou melhor, sobre como elas são produzidas, sobre os processos através dos quais elas se constituem e o que elas expressam, e não sobre o que elas foram, seriam ou deverão ser. [...] acredito ser nossa tarefa conhecer os processos através dos quais a sociedade, por assim dizer, deglute, digere, transforma essa “unidade ilusória”, repondo o múltiplo, o diverso, o específico, que constitui o núcleo de tensão de sua existência real.²⁵

Chartier ressalta que são questionáveis as delimitações entre o que seria “popular” e “erudito”. Admite que se constitui em uma questão complexa, já que não seria possível identificar, nos objetos e nas práticas sociais, um nível cultural ou intelectual que deva ser considerado definitivamente “popular”.²⁶

Chartier defende que, devemos ter a preocupação em identificar o processo de imbricamento de formas culturais diversas, já que elas não são herméticas em si mesmas. Precisa classificar os cruzamentos das diversas manifestações culturais, entre as quais estariam as formas eruditas e populares.

Não devem ser entendidos como relações de exterioridade entre dois conjuntos estabelecidos de antemão e sobrepostos (um letrado, o outro popular), mas como produtores de “ligas” culturais cujos elementos se encontram tão solidamente incorporados uns nos outros como nas ligas metálicas.²⁷

Assim, identificar rigidamente elementos de uma cultura popular, distintos de uma cultura erudita, não seria tarefa fácil ou mesmo desejável, já que seus elementos estão ligados entre si.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio. **O que é cultura popular?**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BAKHTIN, Mikail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2000.

25 Ibid., pp. 57- 58.

26 CHARTIER, Roger. **A História Cultural [...]**, Op. cit., pp. 56-57

27 Ibid., p. 56.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **Cultura Popular: revisando um conceito historiográfico**. Revista Estudos Históricos, v. 8, n. 16, pp. 179-192, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

ORTIZ, Renato. **Cultura popular: românticos e folcloristas**. São Paulo: Olho d'Água, 1992.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise 6, 8, 29, 35, 36, 53, 54, 55, 58, 61, 62, 63

Audiovisual 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

C

Classes superiores 3

Comunicação 1, 31, 34, 35, 36, 38, 59

Cultura popular 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10

D

Descentralização 29, 30, 32, 33, 46, 51

Descoberta 3, 4, 5, 16

Dispositivo prisional 11, 13

E

Ensino superior 37, 38, 39, 40, 42, 43, 53

G

Gestão universitária 37, 44, 55, 56

Globalização 1, 38, 40

H

Heterotopia 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 25, 26

I

Idosos 58, 59, 62

Internacionalização 1, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 57

Investigação 1

J

Jean Genet 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21

L

Lei 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 49, 52

Lei da TV paga 29, 31, 34, 35

Leitura 7, 61

M

Mercado de trabalho 30

Metaplasmos 58, 59, 60, 61, 62, 63

Mobilidade acadêmica 40, 47

P

Peter Burke 2

Planejamento 46

Políticas públicas 29, 31, 34, 37, 47, 51, 52, 54

Povo 3, 4, 5, 10, 34, 40

Produção cultural 30

T

Tradição 1, 3, 4, 5

Transformação 1, 2, 6, 15, 42, 48, 58, 60, 61, 62, 63

U

Universidades 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 57

Utopia 11, 12, 17, 19

 **Atena**
Editora

2 0 2 0